

CARMEM LUSSI

**MULHERES MISSIONÁRIAS
DA COMUNIDADE CRISTÃ
PRIMITIVA**

Encontros bíblicos

Brasília

2014

SUMARIO

INTRODUÇÃO.....	3
ORIENTAÇÕES A QUEM PREPARA OS ENCONTROS.....	4
A CANANÉIA, QUE ACREDITOU CONTRA TODA ESPERANÇA	5
Textos Bíblicos	5
Reflexão	5
Para a partilha e a prece.....	7
MARIA DE BETÂNIA, UMA DAS DISCÍPULAS QUE JESUS AMAVA	8
Textos Bíblicos	8
Reflexão	8
Para a partilha e a prece.....	11
MARTA, A DISCÍPULA AMADA COMPROMETIDA NO SERVIÇO E NO ANÚNCIO.....	12
Textos Bíblicos	12
Reflexão	12
Para a partilha e a prece.....	15
A SAMARITANA, MODELO DE FÉ E TRABALHO PARA SI E PARA A COMUNIDADE	16
Texto Bíblico	16
Reflexão	16
Para a partilha e a prece.....	19
LIDIA DE FILIPOS, ANIMADORA DAS MULHERES QUE CAMINHAM COM O SENHOR	20
Texto Bíblico	20
Reflexão	20
Para a partilha e a prece.....	22
PRISCILA, IMIGRANTE, PRECURSORA NA FORMAÇÃO DOS DISCÍPULOS	23
Texto Bíblico	23
Reflexão	23
Para a partilha e a prece.....	25

INTRODUÇÃO

Este breve texto foi preparado como um subsídio para motivar e favorecer a escuta e a partilha da Palavra de Deus no caminho na conquista por uma sempre melhor maturidade cristã. Destina-se a homens e mulheres que sabem que a fé é um dinamismo interno à existência dos filhos e filhas, e portanto ninguém é cristão de uma vez por todas. E sem Palavra de Deus, a vida na fé e a capacidade de amar do jeito de Jesus dificilmente resiste à prova do tempo e das dificuldades pequenas e grandes do caminho.

Além dos textos bíblicos e do roteiro para a partilha e a prece, que podem ajudar para a meditação individual ou a partilha comunitária, o texto inclui breve reflexão sobre seis mulheres discípulas missionárias da comunidade cristã primitiva, o que poderá ser de especial ajuda, especialmente para quem não tem muita formação bíblica. Mas pode ser útil também para quem já estudou teologia.

Eis as seis mulheres que acompanharão os leitores neste percurso:

A cananéia, que acreditou contra toda esperança: Mt 15, 21-28; Mc 7, 24-30

Maria de Betânia, uma das discípulas que Jesus amava: Mt 26,6-13; Mc 14, 3-9; Jo 11, 1-5 e 28-36; Jo 12, 1-8

Marta, a discípula amada comprometida no serviço e no anúncio: Lc 10, 38-42; Jo 11,5-36

A Samaritana, modelo de fé e trabalho, para si e para a comunidade: Jo 4, 5-42

Lídia de Filipos, animadora das mulheres que caminham com o Senhor: At 16, 11-15

Priscila, imigrante, precursora na formação dos discípulos: At 18, 11; 18-27.

O livrinho já traz os principais textos bíblicos¹ sobre as figuras femininas apresentadas. Mas recomenda-se dispor no local dos Encontros de, ao menos, uma Bíblia para colocar ao centro e para a consulta de outros textos, que o Espírito sugerir.

Bom caminho!

Carmem Lussi*

¹ Os textos bíblicos são do site: <http://www.bibliacatolica.com.br>.

* Missióloga. Doutora em Teologia. *Serial migrante*. Esposa e mãe. Pesquisadora do CSEM – Centro Scalabriniano de Estudos Migratórios de Brasília-DF/Brasil. Publicou pelo CEBI, em 2009, o volume *Mulheres migrantes em contexto inter-religioso*. Email: carmem.lussi@gmail.com.

ORIENTAÇÕES A QUEM PREPARA OS ENCONTROS

Este texto foi elaborado para ser utilizado por qualquer pessoa que tenha interesse e desejo de escutar a palavra de Deus em sua vida. Pode ser utilizado individualmente, mas seu uso em grupos pode ser particularmente rico. No caso, cabe aos cristãos que tomam a iniciativa de convidar a família ou um grupo para realizar o encontro a tarefa de preparar o ambiente e ler anteriormente o roteiro adequadamente, para favorecer a participação de todos e todas.

Algumas recomendações a partir de experiência de grupos que já utilizaram este material:

1. É importante que uma pessoa tome a iniciativa, assumindo a missão de convidar outras para o Encontro Bíblico. No ato do convite é bom indicar claramente o local e o horário de início e de fim do encontro. É muito importante respeitar o horário, pois assim como para a celebração eucarística, por exemplo, o respeito do horário tornou-se algo considerado importante pelos cristãos e favorece a participação.
2. É bom evitar comportamentos formais na acolhida das pessoas que chegam para o Encontro, assim como o recurso a rituais e simbologias, que podem não ser conhecidos nem apreciados pelos participantes. A simplicidade no trato é a regra melhor.
3. O Encontro é previsto para se desenvolver em, no mínimo uma hora e no máximo duas. Em menos de uma hora, o tempo pode não ser suficiente para completar o encontro com a escuta recíproca e a oração; enquanto que mais de duas horas pode cansar, distrair e até levar a reunião a se tornar ocasião para falas não pertinentes, além de desencorajar futura participação.
4. O consumo de comidas e bebidas no encontro depende de cada grupo, mas é recomendável evitar comidas até que o encontro não seja finalizado. Bebidas podem ser oferecidas como gesto de acolhida dos participantes. É bom lembrar que o costume de oferecer comida no final do encontro pode indispor algum participante, que pode não ter meios para oferecer por sua vez, caso o encontro seja realizado em sua casa.
5. Quanto ao local dos encontros, pode ser em um espaço comunitário ou familiar. Pode ser fixo ou mudar a cada encontro. Quem inicia propõe local e horário do primeiro encontro e, neste, concorda com os participantes a logística dos encontros sucessivos.

ENCONTRO I:

A CANANÉIA, QUE ACREDITOU CONTRA TODA ESPERANÇA

MT 15, 21-28; MC 7, 24-30

Textos Bíblicos

Mt 15, 21. Jesus partiu dali e retirou-se para os arredores de Tiro e Sidônia. **22.** E eis que uma cananéia, originária daquela terra, gritava: Senhor, filho de Davi, tem piedade de mim! Minha filha está cruelmente atormentada por um demônio. **23.** Jesus não lhe respondeu palavra alguma. Seus discípulos vieram a ele e lhe disseram com insistência: Despede-a, ela nos persegue com seus gritos. **24.** Jesus respondeu-lhes: Não fui enviado senão às ovelhas perdidas da casa de Israel. **25.** Mas aquela mulher veio prostrar-se diante dele, dizendo: Senhor, ajuda-me! **26.** Jesus respondeu-lhe: Não convém jogar aos cachorrinhos o pão dos filhos. **27.** Certamente, Senhor, replicou-lhe ela; mas os cachorrinhos ao menos comem as migalhas que caem da mesa de seus donos... **28.** Disse-lhe, então, Jesus: Ó mulher, grande é tua fé! Seja-te feito como desejas. E na mesma hora sua filha ficou curada.

Mc 7, 24. Depois que se retiraram os mensageiros de João, ele começou a falar de João ao povo: Que fostes ver no deserto? Um caniço agitado pelo vento? **25.** Mas que fostes ver? Um homem vestido de roupas finas? Mas os que vestem roupas preciosas e vivem no luxo estão nos palácios dos reis. **26.** Mas, enfim, que fostes ver? Um profeta? Sim, digo-vos, e mais do que profeta. **27.** Este é aquele de quem está escrito: Eis que envio o meu mensageiro ante a tua face; ele preparará o teu caminho diante de ti (Ml 3,1). **28.** Pois vos digo: entre os nascidos de mulher não há maior que João. Entretanto, o menor no Reino de Deus é maior do que ele. **29.** Ouvindo-o todo o povo, e mesmo os publicanos, deram razão a Deus, fazendo-se batizar com o batismo de João. **30.** Os fariseus, porém, e os doutores da lei, recusando o seu batismo, frustraram o desígnio de Deus a seu respeito.

Reflexão

Desde os primeiros séculos, os cristãos reconhecem nesta mulher um modelo de fé. Ela não leva a filha doente a Jesus, mas leva sua fé viva, aquela fé que faz Jesus curar a filha doente. S. Clemente diz que a palavra corajosa desta mulher estrangeira emudece Jesus, pois a narrativa desoladora da situação da criança não arranca nenhuma palavra de consolação da boca do Mestre. A Palavra de Deus faz silêncio diante da dor de uma mulher que tem fé e entrega a Deus sua dor, não só por si, mas pelos filhos que ela, como Jesus, ama e quer salvar.

O milagre da cura revela a todos a preciosidade que aquela mulher trazia e representava para a comunidade dos primeiros seguidores de Jesus. O silêncio de Jesus é fecundo nos lábios da Cananéia, pois ela o investe com suas palavras e, na escuta dele, tomam corpo, tornam-se salvação. O silêncio de escuta e a compaixão de Jesus fazem da força e da fé desta mulher um caminho para outros que querem respostas, como os judeus, mesmo sem confiar no Senhor como aquela mulher estrangeira confiava. A fé dela não foi provocada por milagre algum, que ela – de fato – ainda não havia recebido, mas nasce do amor que ela tem pela filha e pela confiança que ela tem no Senhor. E sua fé é critério para crentes velhos e novos, especialmente para aqueles discípulos que, como Mateus refere dos apóstolos, acham que tem respostas prontas e comportamentos preestabelecidos contra ela e contra quantos pertencem a grupos sociais e culturais semelhantes aos daquela mulher. Com a confirmação e a acolhida da fé dela, Jesus destrói os preconceitos dos que a desprezavam e questiona a qualidade da fé dos que se sentem melhores dos outros.

A dureza da primeira resposta de Jesus à Cananéia exalta ainda mais o perfil corajoso, humilde, ousado e forte daquela mulher. E a fé cristã ganha uma testemunha inigualável. Sua adesão a Cristo sem premissas e a aprendizagem de Jesus através deste encontro inusitado com aquela mulher estrangeira abrem para encontros novos e inovadores e para novas interpretações da boa nova de Jesus em uma infinidade de lugares e formas do crer, que a Igreja não sabe contar e que o espírito tem a liberdade de ir suscitando, não

sem a insistência das cananéias de ontem e de hoje. A dor viva e o sofrimento atroz da Cananéia fazem eco às dores e angústias dos homens e das mulheres de nosso tempo, como bem diz a *Gaudium et spes*.

A sua petição e a sua insistência desafiam a identidade e a missão de Jesus e confrontam a ideologia imperialista de Israel. O provérbio utilizado por Jesus, provérbio comum naquele tempo, que revelava a superioridade que Israel acreditava ter sobre os outros povos, não supera o amor daquela mulher pela sua filha. Se a humilhação é necessária para entrar na graça, ela é capaz de atravessá-la, não rebatendo a Jesus, mas levando ao extremo sua Palavra, aquela palavra que mostrou-se dura e inesperada, mas que veio do filho de Deus que podia salvar sua filha. Ela não precisa negar os privilégios de Israel para implorar vida para sua família, nem ousa discutir com Jesus. Sua força interior lhe dá postura e sabedoria e, no encontro com Deus inclui a nós entre os eleitos. Para sempre. Ela não ganha uma exceção, ela quebra um exclusivismo, para sempre e para todos e todas.

A voz dos que clamam hoje, que continua sendo apresentada a Jesus, chega também aos apóstolos de hoje, como aos de ontem, com a diferença que os de hoje já sabem o que Jesus aprendeu daquela vez: querida, você e sua filha também são destinatárias da graça de Deus, de seu amor e de sua misericórdia. Crê! Você também é das nossas. O Senhor pode fazer silêncio, as respostas podem ser duras, mas você tem razão e ele sabe ouvir seu clamor. A morte, o mal e o desespero não têm a última palavra. A mulher de fé tem a Palavra de Jesus que a confirma e ela pode ir à luta, retomar o caminho de casa. Agora ela não está mais só, sabe que o Senhor está com ela e o muro de separação e de desprezo foi quebrado pela Palavra de Deus.

No texto evangélico sobre o encontro entre Jesus e a Cananéia, Jesus sai de sua terra e ela também, ambos no movimento que realiza o encontro, que supera muito mais que fronteiras físicas, encontrando canais, formas e respostas que a comunidade cristã ainda não havia descoberto, nem entendido. Graças à dor e à fé das 'cananéias' de ontem e de hoje, o cristianismo se reinventa a cada novo crente que vê Jesus e o busca com ousadia, confiança e muitas expectativas. O amor da mãe que aguenta humilhação, que é capaz de dedicação sem medidas e que sabe pagar o preço pelo bem dos filhos, faz desta testemunha da fé cristã uma missionária de todos os tempos, pela ousadia, coragem e intuição criativa, que Jesus elogiou e a Igreja nunca mais esqueceu.

Muitos cristãos viram nesta mulher a força da oração, que tem poder diante de Deus pela sua perseverança e pela humilde confiança. Ela é a imagem da Igreja que, nas adversidades, não nega seu Senhor, permanece ancorada na fé, na certeza que o Senhor a protege e a conduz.

A cananéia carrega consigo a (má) reputação de seu povo. Arrasta um peso que vai além do fato concreto e da realidade contingente que a caracteriza, e, por causa daquele peso, é tratada com uma abordagem ofensiva e de desprezo. A palavra grega usada por ela é um grito tão forte que é equiparado a um uivo. Assim como em Jo 11, 48 e Jo 19, 6 ela grita: "Senhor Filho de Davi" – ela assume para si a fé judaica, invoca o Deus de Jesus. Os discípulos dizem que ela vem "gritando atrás de nós", mas usam o verbo dos gritos da mulher em trabalho de parto. Ela estava gerando a Igreja, estava, assim, gerando novos filhos a Deus.

Mesmo tendo recebido uma resposta negativa à sua invocação, sem se deixar intimidar e sem ceder ao medo, ela permanece diante de Jesus e insiste. Junto com a sua atitude submissa, ela mantém uma postura forte e audaciosa. Ela reclama o seu lugar nos propósitos de Deus, para si mesma e, sem saber, o obtém para todos e todas. A resposta criativa da mulher abre possibilidades para sua filha e para Jesus. Ele responde positivamente e aprende uma grande lição, que é testemunhada e obrigatoriamente ensinada aos discípulos.

Sua reação à primeira frase de Jesus mostra que a dor não destruiu nem depauperou sua religião, e nem mesmo a postura de uma fé que confia e que ama – e que a primeira comunidade cristã encontrava também fora do círculo restrito dos primeiros seguidores. A corajosa ousadia e a fé dela abrem à Igreja os caminhos das terras pagãs. Ela resiste por causa de sua fé inabalável, acredita na misericórdia daquele homem e, apesar do Filho de Deus encarnado demorar para favorecer o encontro total dela com ele, no homem que ela vê em sua frente, ela entrevê o Filho de Deus e confia nele, entrega a ela sua dor e pede sua intervenção. E Deus não decepciona.

Na história da Igreja conhecemos santos e santas que nos ensinam a insistir com Deus, não só porque “a quem bate a porta será aberta”, como disse Jesus, mas também porque a súplica perseverante acompanhada de uma mente e um coração que fazem a sua parte, levam até o convencimento mais profundo que só do Senhor vem o milagre da vida, aquele milagre, aquelas graças que vão além do que podemos realizar ou até imaginar.

Na resposta do Mestre, mesmo não sendo a que ela esperava, ela sabe dizer a palavra da fé: SIM. Dizer SIM foi de Maria, é do Batismo, é do seguimento cotidiano. Sim, Senhor. Sim a Deus. Todas as promessas de Deus se tornam SIM em Jesus, a ele a glória para sempre...! No Jesus pessoal a quem ela se dirigia, encontra a Deus que buscava. A cananéia sabe aproveitar aquela resposta que veio contra ela em argumento irrefutável, aquela resposta abriu também a mente e o coração de Jesus e de toda a Igreja, para sempre. Nem a reação de incompreensão e desinteresse dos discípulos a faz retroceder. Seu olhar e sua expectativa focada em Jesus Cristo torna-a capaz de superar qualquer estigma ou resistência, pois está em jogo sua dignidade e a vida de sua filha. É a postura de uma mulher de fé, que não tem uma vida mais simples nem mais exitosa por ter fé, mas que transforma seu jeito de enfrentar as amarguras, reagir diante dos desafios e valorizar cada momento, cada ocasião e cada encontro como oportunidades únicas para ser feliz e para promover a vida.

O fato que Jesus muda de posição na interlocução com a Cananéia, obriga os discípulos de ontem e de hoje a sentirem-se interpelados na leitura histórica deste texto evangélico. Trata-se de um problema de mentalidade. Assim como a primeira comunidade, a Igreja sempre se depara com preconceitos e estereótipos culturais, sociais e eclesiais que riscam de fechar mentes e corações à graça, e, especialmente, ao encontro. E sem encontro, não há evangelização. As alteridades que se aproximam da Igreja e dos cristãos buscando vida, ainda hoje, repetem a dor que feriu a alma da Cananéia ao encontrar a resistência dos cristãos, mas as cananéias acolhidas pelo mestre e que já conhecem e reconhecem que sua fé supera montanhas e barreiras, podem abrir canais de comunicação, acolhida, vida, que incluem e libertam, sustentam e salvam, não só pra si, mas também para as alteridades que sempre mais se multiplicam às portas da Igreja, interpelando a qualidade da vida cristã dos discípulos e das discípulas missionari@s.

A fé da Cananéia venceu Jesus e desmoronou os preconceitos dos discípulos. Sua confiança e sua resistência obrigou o Senhor a abrir ao mundo as promessas que Israel acreditava serem propriedade exclusiva do povo hebreu. Seu amor pela filha incluiu para sempre estrangeiros, estranhos e desprezados entre os que participam da vida e do Reino de Cristo. Seu testemunho conclama as cananéias que conhecem o que significa a exclusão, a dor injusta, a falta de saúde e de recursos, a pobreza, as leis e os costumes discriminatórios a não desistir e a tomar a iniciativa. Jesus as abençoa.

A exclamação final de Jesus mostra que ele mesmo está surpreso, exultando de alegria porque o Pai revelou estas coisas a uma mulher pobre e desprezada, sofrida e excluída: “Oh Mulher! Grande é tua fé. Seja feito como queres!”, fazendo com que, pela única vez nos Evangelhos, Jesus faz o contrário do que havia dito! A beleza do testemunho dela e a grandeza do evento ficou pra sempre na mente e no coração do que assistiram aos fatos e fizeram com que chegassem até nós.

Para a partilha e a prece

A escuta da Palavra e da reflexão sugerida pelo texto motivam a partilha e a prece.

1. Alguém entre os/as presentes se sentiu representado pela experiência de fé e o testemunho da Cananéia?
2. O que esta Palavra diz a você, hoje?
3. O que esta escuta e partilha sugerem para a sua vida?
4. O que você quer dizer ao Senhor neste momento?

ENCONTRO 2:

MARIA DE BETÂNIA, UMA DAS DISCÍPULAS QUE JESUS AMAVA

Mt 26,6-13; Mc 14, 3-9; Jo 11, 1-5 E 28-36; Jo 12, 1-8.

Textos Bíblicos

Mt 26, 6. Encontrava-se Jesus em Betânia, na casa de Simão, o leproso. **7.** Estando à mesa, aproximou-se dele uma mulher com um vaso de alabastro, cheio de perfume muito caro, e derramou-o na sua cabeça. **8.** Vendo isto, os discípulos disseram indignados: Para que este desperdício? **9.** Poder-se-ia vender este perfume por um bom preço e dar o dinheiro aos pobres. **10.** Jesus ouviu-os e disse-lhes: Por que molestais esta mulher? É uma ação boa o que ela me fez. **11.** Pobres vós tereis sempre convosco. A mim, porém, nem sempre me tereis. **12.** Derramando esse perfume em meu corpo, ela o fez em vista da minha sepultura. **13.** Em verdade eu vos digo: em toda parte onde for pregado este Evangelho pelo mundo inteiro, será contado em sua memória o que ela fez.

Mc 14, 3. Jesus se achava em Betânia, em casa de Simão, o leproso. Quando ele se pôs à mesa, entrou uma mulher trazendo um vaso de alabastro cheio de um perfume de nardo puro, de grande preço, e, quebrando o vaso, derramou-lho sobre a cabeça. **4.** Alguns, porém, ficaram indignados e disseram entre si: Por que este desperdício de bálsamo? **5.** Poder-se-ia tê-lo vendido por mais de trezentos denários, e os dar aos pobres. E irritavam-se contra ela. **6.** Mas Jesus disse-lhes: Deixai-a. Por que a molestais? Ela me fez uma boa obra. **7.** Vós sempre tendes convosco os pobres e, quando quiserdes, podeis fazer-lhes bem; mas a mim não me tendes sempre. **8.** Ela fez o que pode: embalsamou-me antecipadamente o corpo para a sepultura. **9.** Em verdade vos digo: onde quer que for pregado em todo o mundo o Evangelho, será contado para sua memória o que ela fez.

Jo 11, 1. Lázaro caiu doente em Betânia, onde estavam Maria e sua irmã Marta. **2.** Maria era quem ungira o Senhor com o óleo perfumado e lhe enxugara os pés com os seus cabelos. E Lázaro, que estava enfermo, era seu irmão. **3.** Suas irmãs mandaram, pois, dizer a Jesus: Senhor, aquele que tu amas está enfermo. **4.** A estas palavras, disse-lhes Jesus: Esta enfermidade não causará a morte, mas tem por finalidade a glória de Deus. Por ela será glorificado o Filho de Deus. **5.** Ora, Jesus amava Marta, Maria, sua irmã, e Lázaro. /.../ **28.** A essas palavras, ela foi chamar sua irmã Maria, dizendo-lhe baixinho: O Mestre está aí e te chama. **29.** Apenas ela o ouviu, levantou-se imediatamente e foi ao encontro dele. **30.** (Pois Jesus não tinha chegado à aldeia, mas estava ainda naquele lugar onde Marta o tinha encontrado.) **31.** Os judeus que estavam com ela em casa, em visita de pêsames, ao verem Maria levantar-se depressa e sair, seguiram-na, crendo que ela ia ao sepulcro para ali chorar. **32.** Quando, porém, Maria chegou onde Jesus estava e o viu, lançou-se aos seus pés e disse-lhe: Senhor, se tivesses estado aqui, meu irmão não teria morrido! **33.** Ao vê-la chorar assim, como também todos os judeus que a acompanhavam, Jesus ficou intensamente comovido em espírito. E, sob o impulso de profunda emoção, **34.** perguntou: Onde o pusestes? Responderam-lhe: Senhor, vinde ver. **35.** Jesus pôs-se a chorar. **36.** Observaram por isso os judeus: Vede como ele o amava!

Jo 12, 1. Seis dias antes da Páscoa, foi Jesus a Betânia, onde vivia Lázaro, que ele ressuscitara. **2.** Deram ali uma ceia em sua honra. Marta servia e Lázaro era um dos convivas. **3.** Tomando Maria uma libra de bálsamo de nardo puro, de grande preço, ungiu os pés de Jesus e enxugou-os com seus cabelos. A casa encheu-se do perfume do bálsamo. **4.** Mas Judas Iscariotes, um dos seus discípulos, aquele que o havia de trair, disse: **5.** Por que não se vendeu este bálsamo por trezentos denários e não se deu aos pobres? **6.** Dizia isso não porque ele se interessasse pelos pobres, mas porque era ladrão e, tendo a bolsa, furtava o que nela lançavam. **7.** Jesus disse: Deixai-a; ela guardou este perfume para o dia da minha sepultura. **8.** Pois sempre tereis convosco os pobres, mas a mim nem sempre me tereis.

Reflexão

As mulheres dos Evangelhos não são heroínas, delas sabemos pouco, não lhe são reconhecidos grandes feitos no texto bíblico, mas isto não é algo que podemos dizer só das mulheres. Também da maioria dos homens do Novo Testamento gostaríamos de saber mais do que nos foi transmitido pelas Escrituras.

Todavia, por mais rápida que tenha sido a aparição delas no curso da vida de Jesus, elas exercem um papel importante não porque são mulheres, mas porque fazem parte dos que, acolhendo o Senhor, integram o grupo dos que o entenderam e o amaram e, portanto, nos ajudam a conhecê-lo, segui-lo e anunciá-lo a todos e todas. Ao responder a Jesus, com suas palavras, seus gestos e sua vida, elas encontram-se no mesmo patamar dos apóstolos, como atores que revelam a mensagem evangélica. Mostrando-nos quem é o Senhor e como amá-lo, servi-lo e segui-lo, elas se deixam conhecer e nos oferecem uma amizade sem pares. Conhecê-las um pouco mais nos encoraja e fortalece nossos passos na vivência cristã e missionária, na relação com Jesus, na relação com os outros, na Igreja ou na sociedade.

Três evangelistas, Mateus, Marcos e João, após introduzir-nos na narrativa da paixão, morte e ressurreição de Jesus, nos introduzem à presença de uma discípula particularmente importante: aquela da qual, diz o Mestre, “onde quer que venha a ser proclamado o Evangelho, em todo o mundo, também o que ela fez será contado em sua memória” (Mc 14, 9 e Mt 26, 13). Nós já havíamos ouvido falar dela, pois ela foi a feliz discípula confirmada publicamente, diante dos apóstolos e da sua família, que sua postura de saber dar prioridade à escuta do Senhor em sua vida é o que mais conta e é o que ninguém pode nem deve tirar de uma mulher! E aqui, no momento em que Jesus está se preparando para morrer, novamente, Maria de Betânia, emerge como modelo de discípula e de amiga para Jesus. Uma mulher que sabe o que conta e que não teme as consequências de suas escolhas.

Os dois evangelistas referem uma mesma frase de elogio de Jesus na cena que precede à paixão, portanto, ambos receberam este texto de uma fonte mais antiga, que havia registrado esta frase do Mestre, que a memória do Evento Jesus não podia deixar no esquecimento. “Em memória dela”! Porque sua fé permanecerá para sempre uma referência no discipulado cristão: acolhe Jesus em sua casa, dá preferência à escuta do Senhor e sabe colocar-se à escuta de sua Palavra e, à diferença dos Apóstolos que nem conseguem entender seu gesto, manifesta sua fé, do jeito que seu amor incondicionado por Jesus lhe ensina. Seu ato de adoração e carinho, ternura e paixão por Jesus vai além das formas de seguimento que o grupo dos doze sabia e/ou era capaz. E Jesus a confirma, para aquele momento e para sempre. Ela, que sabe ficar no essencial quando se trata de escolher entre a escuta da Palavra e o serviço, sabe também exagerar quando tem a chance única de manifestar aquele amor que a une ao Senhor, autorizando a si mesma a confiar na intuição e na alegria que o carinho fecundado de amor gratuito e intenso pode suscitar.

O modo como Maria se relaciona e age com o Senhor encontra resistência em Judas, que não ama o Senhor, e encontra perplexidade nos demais apóstolos, pela sua diversidade, pela originalidade do gesto e pela ousadia que demonstra. O perfume, que invade toda a casa, é definido por Jesus como uma “boa obra”, do mesmo jeito como é definido o gesto de cuidar dos pobres e dos doentes, e de enterrar os mortos, visitar os presos e acolher os migrantes (Mt 25). Mas uma pergunta de Jesus que penetra até o fundo da alma é particularmente querida pelas mulheres de ontem e de hoje que manifestam sua fé em formas novas, diferentes e ousadas e que não são compreendidas: “Porque a aborreceis?” (Mc 14, 6 e Mt 26, 10). Ele questiona as atitudes dos bem pensantes que a desprezam, escondendo-se em reações ‘politicamente’ corretas e religiosamente e socialmente aprovadas pela maioria. Mas Jesus não considera a maioria um bom argumento para avaliar a qualidade humana e cristã de um gesto profundamente ousado de uma mulher que o ama. A postura de Jesus se explicita ainda mais em um imperativo que nos cala: “Deixa-a!”, deixem ela seguir... não a julguem nem a repreendam, ela fez uma “boa obra para comigo”!

O amor por Jesus tem a primazia absoluta, no âmbito de toda e qualquer relação que os cristãos vivem, mesmo na família e no serviço aos pobres, pois a atenção aos familiares, amigos e irmãos na fé, sem o amor na lógica de Jesus Cristo, pode ser um objetivo similar ao de Judas (Jo 12, 6), que busca afirmar a si mesmo, que entra em cena por interesses que se contrapõem ao Evangelho do Reino.

Maria escolhe a parte melhor quando hospeda o Senhor e também quando é hóspede, junto com o Senhor. Seus gestos e sua postura, envolvidos na fé e no mistério, não deixam de ser o modelo mais perfeito de hospitalidade: aquela que em cada circunstância sabe dar prioridade a Jesus, sabe encontrar um modo para adotar, efetivamente, a fé como critério primeiro de suas escolhas e sabe inventar um jeito para manifestar seu amor. Manifestar seu amor por Jesus ou pelos que ele ama. João nos conta que Jesus a amava (Jo 11, 5).

Segundo Jesus, ela sabia o que estava fazendo! Só ele sabe mesmo quem é ela, de onde veio e porque fez aquele gesto que os presentes não entendem e, mesmo assim, se acham no direito de reprovar. O narrador do texto sublinha a pureza e a autenticidade do óleo, símbolos da motivação pura e autêntica de seu amor nos atos dos quais nem todos conseguem perceber a grandeza e o significado. Só o melhor dos perfumes consegue indicar a profundidade do que está acontecendo, que cálculo nenhum poderia quantificar, sem desprezar a qualidade do gesto e a gravidade das atitudes que a recriminam e que tentam frear sua iniciativa. Ela não faz um gesto humilde, simples, íntimo como teria sido se tivesse derramado o óleo nos pés de Jesus. Maria versa grande quantidade de óleo da melhor qualidade na cabeça de Jesus, ungindo o Senhor como Rei: ela representa a Igreja que reconhece em Jesus seu Rei, o único Rei pelo qual trabalha e no qual se encontra: o Reino de Deus.

Em Mateus 25, apenas um capítulo antes, o evangelista havia falado do caráter essencial da vida e dos recursos no caminho de Jesus e na vida de seus seguidores. O evangelista indicava a importância da partilha com os pobres e da importância da relação e do comprometimento com os pobres para a vida cristã, e neste texto, é Jesus mesmo quem mostra como o cálculo sobre os bens e o uso dos bens não tem como único critério o serviço e a assistência nas necessidades: ele divide a responsabilidade com ela pela despesa do óleo que caracteriza um amor incondicional, o único que fundamenta e explica toda palavra e prática que queira se enquadrar na narrativa de Mt 25: tive fome, sede, sofrimentos... e estiveste ao meu lado me apoiando e me ajudando. Maria oferece sem fazer cálculos e usa a medida do amor, pois Jesus está para morrer e diante da morte há filtros que selecionam o que fica para sempre e o que pode ser dispensado. Ela é a que sabe escolher a parte melhor, como bem havia dito Jesus em outra ocasião, quando estava na casa dela como hóspede. Nos dois fatos dos quais os evangelistas nos falam dela, Maria irmã de Marta mostrou a tod@s nós, mulheres e homens de ontem e de hoje, que o discipulado e as honras de ser discípula que escuta o Senhor e que sabe priorizar a sua presença e a sua Palavra é para todos e todas, e é a parte melhor, a que ninguém pode nos roubar. Podem até não ser reconhecidos, mas nos pertencem para sempre, para todo o tempo que a perseverança no amor estiver conosco.

As narrativas bíblicas sobre Maria de Betânia, como todos os demais textos das escrituras, são proclamação da fé dos que iniciaram o “novo” caminho dos discípulos de Jesus, não são relatos históricos. Então a mulher do evento da unção no início dos capítulos sobre a paixão, morte e ressurreição de Jesus faz parte daqueles textos que mostram que, assim como ao terceiro dia após a morte de Jesus, as mulheres têm um ‘a mais’ que sabe intuir e reconhecer, acolher e levar a toda a comunidade algo que ultrapassa o que poderia ser esperado naquela situação: o desânimo que esmaga a fé e a esperança e que pode impedir o amor. Os apóstolos se deixam dominar pelo desânimo, temem o pior e comportam-se como fracassados. Enquanto todos fogem, elas também têm medo, mas vão ao sepulcro, com teimosia como aquela mulher que sofria de hemorragia (Mc 5, 25-34); elas buscam o Senhor e não desistem.

Segundo Marcos 2,5, a coragem é parte integrante da fé, dos homens e das mulheres: carregando o paraplégico como o fazem os homens no texto de Marcos ou permanecendo com o Senhor na hora da cruz e da morte, como o fazem as mulheres.

Maria de Betânia é a discípula que escolheu a parte melhor e que é capaz de uma ‘práxis autônoma’ no seguimento do Senhor, capaz de uma criatividade e ousadia, sem precedentes e sem pedir licença, que é louvada pelo Mestre como a nenhum outro nos Evangelhos. A resistente teimosia dela, que Marcos mostra presente também em outras mulheres, como a siro-fenícia (Mc 7, 24ss), indica uma força peculiar feminina no modo de viver a fé cristã, que não tem o foco em si mesmas, mas em seus filhos e filhas ou no Senhor, que amam. Evidentemente, não se trata de um esforço de ‘dar mais valor às mulheres’ no texto bíblico, mas de um carinho e um reconhecimento da comunidade primitiva pela figura do crer que as mulheres eram capazes de forjar, nas situações de vida e de seguimento que viviam, dentro de um contexto que não reconhecia em Jesus o Filho de Deus e que, pelo contrário, era capaz de colocar obstáculos contra a primeira comunidade dos crentes. Elas são a Igreja que confia contra toda resistência e que ama contra qualquer sinal ou ameaça de morte que possam atingir a comunidade.

Maria de Betânia é o testemunho de que, desde a comunidade cristã da primeira hora, a função das mulheres na Igreja não foi somente a de familiares e assistentes dos homens. Destacam-se figuras de crentes

que emergem como modelos de discípulas que agiam autonomamente e participavam, junto com os homens ou ao mesmo tempo que os homens, do processo de invenção do que é seguir o caminho de Jesus, criando formas e estratégias para viver com fé a vida e a morte, o cotidiano como os grandes fatos da vida. Elas também conviveram com Ele desde o princípio e participaram da força dinâmica de Deus que faz as pessoas levantarem de sua situação de miséria e animarem-se na caminhada da vida. Elas também receberam, desde a primeira hora, a graça e o poder de Deus que liberta e dá força e sabedoria para libertar, sem temor nem preconceitos.

O Mestre, que havia ensinado que pelos frutos seríamos reconhecidos, teve a oportunidade de nos deixar mais este legado: há frutos que não conhecemos nem somos capazes de identificar, que nem mesmo os apóstolos souberam reconhecer, porém esta é uma pobreza que não tem a última palavra. As Marias de ontem e de hoje sabem que o Senhor não deixará de as proteger contra o descaso ou o desprezo, seja o que vem da comunidade, seja o que vem dos judas da vida: o que Maria de Betânia fez ficaria para sempre, na Igreja, em memória dela e o fato que hoje lemos esta narrativa curtindo a alegria de entender o que ela fez e nos alegrarmos pelo que o Senhor disse em favor dela, nos encoraja no caminho. Com ela aprendemos a amar e a buscar a radicalidade na fé que ela nos testemunhou, aquela que não se deixa abater, que se reinventa sempre de novo e que sabe escolher a parte melhor.

Para a partilha e a prece

A escuta da Palavra e da reflexão sugerida pelo texto motivam a partilha e a prece.

1. Alguém entre os/as presentes se sentiu representado pela experiência de fé e o testemunho da Maria de Betânia?
2. O que esta Palavra diz a você, hoje?
3. O que esta escuta e partilha sugerem para a sua vida?
4. O que você quer dizer ao Senhor neste momento?

ENCONTRO 3:

MARTA, A DISCÍPULA AMADA COMPROMETIDA NO SERVIÇO E NO ANÚNCIO

Lc 10, 38-42; Jo 11,5-36

Textos Bíblicos

Lc 10, 38. Estando Jesus em viagem, entrou numa aldeia, onde uma mulher, chamada Marta, o recebeu em sua casa. **39.** Tinha ela uma irmã por nome Maria, que se assentou aos pés do Senhor para ouvi-lo falar. **40.** Marta, toda preocupada na lida da casa, veio a Jesus e disse: Senhor, não te importas que minha irmã me deixe só a servir? Dize-lhe que me ajude. **41.** Respondeu-lhe o Senhor: Marta, Marta, andas muito inquieta e te preocupas com muitas coisas; **42.** no entanto, uma só coisa é necessária; Maria escolheu a boa parte, que lhe não será tirada.

Jo 11, 5. Ora, Jesus amava Marta, Maria, sua irmã, e Lázaro. **6.** Mas, embora tivesse ouvido que ele estava enfermo, demorou-se ainda dois dias no mesmo lugar. **7.** Depois, disse a seus discípulos: Voltemos para a Judéia. **8.** Mestre, responderam eles, há pouco os judeus te queriam apedrejar, e voltas para lá? **9.** Jesus respondeu: Não são doze as horas do dia? Quem caminha de dia não tropeça, porque vê a luz deste mundo. **10.** Mas quem anda de noite tropeça, porque lhe falta a luz. **11.** Depois destas palavras, ele acrescentou: Lázaro, nosso amigo, dorme, mas vou despertá-lo. **12.** Disseram-lhe os seus discípulos: Senhor, se ele dorme, há de sarar. **13.** Jesus, entretanto, falara da sua morte, mas eles pensavam que falasse do sono como tal. **14.** Então Jesus lhes declarou abertamente: Lázaro morreu. **15.** Alegro-me por vossa causa, por não ter estado lá, para que creiais. Mas vamos a ele. **16.** A isso Tomé, chamado Dídimo, disse aos seus condiscípulos: Vamos também nós, para morrermos com ele. **17.** À chegada de Jesus, já havia quatro dias que Lázaro estava no sepulcro. **18.** Ora, Betânia distava de Jerusalém cerca de quinze estádios. **19.** Muitos judeus tinham vindo a Marta e a Maria, para lhes apresentar condolências pela morte de seu irmão. **20.** Mal soube Marta da vinda de Jesus, saiu-lhe ao encontro. Maria, porém, estava sentada em casa. **21.** Marta disse a Jesus: Senhor, se tivesses estado aqui, meu irmão não teria morrido! **22.** Mas sei também, agora, que tudo o que pedires a Deus, Deus to concederá. **23.** Disse-lhe Jesus: Teu irmão ressurgirá. **24.** Respondeu-lhe Marta: Sei que há de ressurgir na ressurreição no último dia. **25.** Disse-lhe Jesus: Eu sou a ressurreição e a vida. Aquele que crê em mim, ainda que esteja morto, viverá. **26.** E todo aquele que vive e crê em mim, jamais morrerá. Crês nisto? **27.** Respondeu ela: Sim, Senhor. Eu creio que tu és o Cristo, o Filho de Deus, aquele que devia vir ao mundo. **28.** A essas palavras, ela foi chamar sua irmã Maria, dizendo-lhe baixinho: O Mestre está aí e te chama. **29.** Apenas ela o ouviu, levantou-se imediatamente e foi ao encontro dele. **30.** (Pois Jesus não tinha chegado à aldeia, mas estava ainda naquele lugar onde Marta o tinha encontrado.) **31.** Os judeus que estavam com ela em casa, em visita de pêsames, ao verem Maria levantar-se depressa e sair, seguiram-na, crendo que ela ia ao sepulcro para ali chorar. **32.** Quando, porém, Maria chegou onde Jesus estava e o viu, lançou-se aos seus pés e disse-lhe: Senhor, se tivesses estado aqui, meu irmão não teria morrido! **33.** Ao vê-la chorar assim, como também todos os judeus que a acompanhavam, Jesus ficou intensamente comovido em espírito. E, sob o impulso de profunda emoção, **34.** perguntou: Onde o pusestes? Responderam-lhe: Senhor, vinde ver. **35.** Jesus pôs-se a chorar. **36.** Observaram por isso os judeus: Vede como ele o amava!

Reflexão

Na casa de Marta e seus irmãos, Jesus vive uma linda experiência de amizade, que toca seu coração. Uma amizade que é cultivada e que tem expressões de atenção e de carinho, de ambos os lados. Cada um de seu jeito. Dois evangelistas narram memórias da Marta: Lucas a coloca na casa, a serviço, quando Jesus vai visitar sua família e João a coloca fora da casa, em diálogo com o Senhor, levando sua irmã ao Mestre. No Evangelho de João Marta emerge como figura que se destaca pela profissão da fé.

Ousada e verdadeira, direta e decidida, Marta sabe dar conta do recado agindo com prontidão conforme a situação o requer. Chega uma visita, que é muito especial: ela sabe colocar-se a serviço; morre o irmão: ela sabe tomar a atitude que as consequências do fato impõem; o Senhor a interpela: ela sabe dar ouvido e sintonizar-se; sua irmã parece não suportar o luto: ela a ajuda a amarrar-se à vida e a não ficar na morte. E quando o Senhor a questiona sobre a fé, ela acredita e confia nele.

Os cristãos dos primeiros séculos nos deixaram textos de grande admiração por algo que só Marta – além de Maria, a mãe de Jesus – fizeram: servir Jesus em sua própria casa, oferecer a ele o que dele esperamos: a acolhida, o alimento para o caminho, a hospitalidade para o descanso, os serviços que tornam o dia a dia bonito e significativo, feliz e não um peso. Feliz Marta, que soube incluir Jesus no seu cotidiano (nem Sara havia chegado a tanto, ela havia servido só os anjos – Gn 18,6), por amor e pela amizade que a ligava a ele e que igualmente ligava ele a ela. Ela, que tem seu nome nos lábios de Jesus, proclamado com amor e em alta voz! O mesmo amor que fez ela contar com ele na hora da prova e que deu a liberdade de solicitar o apoio dele quando achou que era injusto ou ao menos incorreta a escolha de Maria, sua mana. Ela sabia que podia buscar a cumplicidade dele, mesmo no momento em que parece esquecer que é prioridade ouvir e acolher a Palavra dele! Ela queria uma mesa abundante, e para isto os preparativos podem ser cansativos e requerer muito tempo e trabalho. Mas Jesus dispensa: “faz um prato só, vai ser suficiente! Você também merece a escuta da Palavra, pois nisto consiste o verdadeiro discipulado e você também o merece”. E Jesus a chama pelo nome: Marta, Marta, você se preocupa com tantas coisas... quantas preocupações!... conheço teus pensamentos, conheço teu coração... Faz só um prato, seleciona o que mais conta e saiba deixar de lado o que lhe pesa sem bons motivos e vem, a Palavra e o estar em minha companhia é algo que ninguém mais vai tirar de você. Saiba dar prioridade ao que conta e que fica para sempre, lhe pertencerá e mudará sua vida!

E na morte de Lázaro, ela vai ao encontro, pois já é ele que mais conta, a relação com ele, não os ritos do luto pelos quais ela deveria ficar dentro de casa. Ela busca nele respostas, sim, mas também a consolação que só os amigos sabem dar na hora da prova mais dura. Ela sabe quebrar com as regras sociais que a mantinham agarrada aos fatos que a fecham sobre si e que a resigna na posição de desespero ou desânimo, para ir ao encontro do amigo Jesus, confiando nele como ninguém.

Marta e seus irmãos são a ternura oferecida a Jesus, uma relação que além e antes do discipulado, se configura como uma amizade gratuita, intensa, íntima e livre ao mesmo tempo. Jesus gostava de ir visitá-los, estava bem em sua casa. E na hora do luto, a relação e o diálogo entre ela e o Mestre iluminam sua fé, a fazem amadurecer e, ao mesmo tempo, fazem dela uma companheira de Pedro no anúncio da divindade de Jesus. Marta cuida de Jesus e ele cuida da fé dela, que seja capaz de serviço, sem descuidar a intimidade da escuta da Palavra, da contemplação, da profecia. Marta nos ensina que a fé cristã é relação, que o Deus de Jesus Cristo nos quer completos, íntegros e ao mesmo tempo capazes de ter prioridades e de respeitá-las.

Marta se coloca a serviço no dia-a-dia e o risco é de acabar não escutando o Mestre. Ele poderia queixar-se de estar perdendo suas boas palavras ao invés de mostrar-se ansiosa pela comida e as boas regras da hospitalidade. Teria sido mais delicada, mas prefere, num só comentário, censurar Maria e Jesus ao mesmo tempo: Você não se interessa que eu tenha que assumir tudo sozinha? Marta, evidentemente chateada, chama a atenção sobre sua pessoa e deixa o visitante perceber o trabalho que lhe está dando. A acolhida parece comprometida e mostra falta de cordialidade. Podemos afirmar que ela se coloca em posição autoritária... Suas mãos fazem o serviço, seu espírito governa, mas Jesus não é mera visita, ele é o Senhor. Um trabalho meramente material não dá acesso ao significado espiritual e evangelizador do evento que se passa naquele dia ferial, naquela casa em Betânia. E, deste jeito, Jesus nos deixa o maior legado que Marta forjou para nós, que inclui as mulheres no grupo dos que escolheram a melhor parte: o discipulado autêntico e direto, pendendo dos lábios do Mestre como o que mais conta na vida e no cotidiano! E Marta, como muitas mulheres e homens de ontem e de hoje, perde o foco, e é o Senhor a reconduzi-la ao essencial. E ela aprende a lição, para sempre.

A mesma Marta reaparece no Evangelho de João, rebelada contra a dor da morte, no texto sobre a ressurreição de Lázaro (Jo 11). Ela sabe manter-se com pés no chão e antenas vigilantes para saber preceder sua irmã em esperança e em ousadia profética, numa relação positiva e íntima que as une, uma amizade

entre manas que sabem integrar suas diferenças e que a fé faz culminar em formas criadoras de comunhão. Cada uma entra no texto evangélico, segundo as aptidões e as intenções pessoais e por causa da confiança e da intimidade que ambas têm com o amigo Jesus, do qual esperam uma ação que vai além do que elas poderiam fazer ou até mesmo desejar. Elas, as duas mulheres, talvez únicas nos evangelhos, às quais Jesus deve favores... de amizade e pela hospitalidade recebida.

Mas o atraso de Jesus toca profundamente a família da Marta e ela mostra sinais de uma dor e de uma amargura sem pares. Está de luto e com suspeitas de abandono do amigo, que atrasa a chegar. Mas quando ele é anunciado, ela quebra qualquer regra fúnebre e sai da casa, vai ao encontro e supera-se a si mesma, obstinada pela fé no Deus vivo, que consegue proclamar mesmo contra qualquer evidência. Distanciando-se de sua irmã que fica na casa e se mantém na área mortuária, Marta quebra o protocolo e se refere a Jesus com destemor e reclamando, falando de Lázaro como “meu irmão”, já não “teu amigo”, pois Jesus não dera prova de amizade, tendo atrasado tanto para chegar até ela! Não ousa perguntar o motivo do atraso, mas o culpa do pior e deposita de novo sua confiança no Deus da vida, não presumindo por si mesma, mas por causa da íntima união de Jesus com o Pai, que ela já conhecia. Ela sabia desta intimidade, senão não poderia citá-la. A amizade com Jesus faz dela uma conhecedora do coração do Mestre. Do seu jeito, ela é uma das discípulas que testemunha a fé autêntica em Jesus: ele é o filho de Deus, é Deus e caminha conosco, não vai nos abandonar.

Ela sabe pronunciar a crença oficial da ressurreição no último dia e, ao mesmo tempo, escutar a chamada de Jesus para uma fé que não tem o foco nas suas expectativas imediatas, nem nas doutrinas aprendidas deste criança. Jesus, diante da morte e do luto, exige dela uma fé adulta, livre, capaz de um nível mais alto, que vai além das necessidades contingentes e que concentra sua atenção no Cristo. Jesus exige dela uma fé madura e ela sai de si mesma, de sua dor e de sua frustração por uma ação de Deus que ela desaprovou, para proclamar a fé no Deus vivo. Ela consolida, no encontro com ele, o amor por ele e a certeza que em Cristo tudo é diferente: Sim Senhor, eu creio que tu és o Cristo. Um grito de fé eminentemente viva que permeia tudo, até a dor e a escuridão da morte. Ela crê, antes ainda de ver o milagre da ressurreição de Lázaro. Um encontro íntimo, pessoal, mesmo em um contexto onde todos parecem estranhos ao que ela está vivendo. Na hora do desespero ela afirma sua fé usando o verbo num tempo que em grego significa ao mesmo tempo creio e sempre cri. E o diálogo se interrompe para que os leitores do texto assistam à cena em que Marta chama à sua postura a irmã Maria e, com ela, o povo que está por perto.

Marta precisa de Maria, pois são manas no sangue e na fé e o ápice a que ela chega tem que ser partilhado com os irmãos: “O Senhor está aqui e te chama!”. Por causa de Jesus ambas se distanciam do luto e da morte, sem poder sair da própria situação. E chama em voz baixa, ela sabe porque e o evangelista não silencia este detalhe, para que nós também colhamos a particularidade do momento, a sabedoria da estratégia e a profundidade da experiência humana e espiritual que elas vivem. Jesus não havia ordenado a Marta de chamar Maria, mas a fé de Marta inclui sua irmã no mistério do encontro profundo com Cristo e com uma profundidade do crer que só a vida, especialmente quando mostra a dureza da cruz, é capaz de desvendar.

Marta sabe que para encontrar Jesus é necessário sair da própria posição que se dobra à morte, ao desespero, à resignação que não deixa espaço à esperança e que não exprime amor, pois revela falta de amor para sair... ao encontro da luz. A luz brilha, mas pode não penetrar em quem prefere ficar na casa escura. Maria tem que sair e arrastar seu povo com ela. Assim pode acontecer o milagre da vida e da fé.

Os pés no chão da mulher pragmática que fazem Marta lembrar ao Mestre que o corpo de Lázaro já cheira mal não impedem a Jesus de levar ela de volta ao plano da fé, lembrando a proclamação de poucos minutos antes... a fé não desfigura a humanidade de uma mulher exigente e atenciosa. Ela tinha razão e não iria descuidar-se e deixar de manifestar atenção pelo Mestre, próprio agora, e o avisa da real situação, mas o Senhor sorri e pulveriza a tensão expressa por ela, reconduzindo-a ao essencial: se confiou, não continue temendo e sentindo-se responsável por tudo.

A cada passo, temos ocasião de entender que muitos outros passos ainda estão por ser dados! O amor de Jesus e a amizade com ele na fé nos conduzem, assim como a Marta, entre a atenção ao cotidiano, aos serviços, aos imprevistos e a capacidade de nunca deixar o caminho para uma maturidade na fé que sabe

discernir o que é prioritário, sabe assumir a dor com esperança e nunca abandona a ternura e o amor pelos irmãos e irmãs que o Pai coloca em nosso caminho.

Para a partilha e a prece

A escuta da Palavra e da reflexão sugerida pelo texto motivam a partilha e a prece.

1. Alguém entre os/as presentes se sentiu representado pela experiência de fé e o testemunho da Marta?
2. O que esta Palavra diz a você, hoje?
3. O que esta escuta e partilha sugerem para a sua vida?
4. O que você quer dizer ao Senhor neste momento?

ENCONTRO 4:

A SAMARITANA, MODELO DE FÉ E TRABALHO PARA SI E PARA A COMUNIDADE

Jo 4, 5-42

Texto Bíblico

Jo 4, 5. Chegou, pois, a uma localidade da Samaria, chamada Sicar, junto das terras que Jacó dera a seu filho José. **6.** Ali havia o poço de Jacó. E Jesus, fatigado da viagem, sentou-se à beira do poço. Era por volta do meio-dia. **7.** Veio uma mulher da Samaria tirar água. Pediu-lhe Jesus: Dá-me de beber. **8.** (Pois os discípulos tinham ido à cidade comprar mantimentos.) **9.** Aquela samaritana lhe disse: Sendo tu judeu, como pedes de beber a mim, que sou samaritana!... (Pois os judeus não se comunicavam com os samaritanos.) **10.** Respondeu-lhe Jesus: Se conhecesses o dom de Deus, e quem é que te diz: Dá-me de beber, certamente lhe pedirias tu mesma e ele te daria uma água viva. **11.** A mulher lhe replicou: Senhor, não tens com que tirá-la, e o poço é fundo... donde tens, pois, essa água viva? **12.** És, porventura, maior do que o nosso pai Jacó, que nos deu este poço, do qual ele mesmo bebeu e também os seus filhos e os seus rebanhos? **13.** Respondeu-lhe Jesus: Todo aquele que beber desta água tornará a ter sede, **14.** mas o que beber da água que eu lhe der jamais terá sede. Mas a água que eu lhe der virá a ser nele fonte de água, que jorrará até a vida eterna. **15.** A mulher suplicou: Senhor, dá-me desta água, para eu já não ter sede nem vir aqui tirá-la! **16.** Disse-lhe Jesus: Vai, chama teu marido e volta cá. **17.** A mulher respondeu: Não tenho marido. Disse Jesus: Tens razão em dizer que não tens marido. **18.** Tiveste cinco maridos, e o que agora tens não é teu. Nisto disseste a verdade. **19.** Senhor, disse-lhe a mulher, vejo que és profeta!... **20.** Nossos pais adoraram neste monte, mas vós dizeis que é em Jerusalém que se deve adorar. **21.** Jesus respondeu: Mulher, acredita-me, vem a hora em que não adorareis o Pai, nem neste monte nem em Jerusalém. **22.** Vós adorais o que não conheceis, nós adoramos o que conhecemos, porque a salvação vem dos judeus. **23.** Mas vem a hora, e já chegou, em que os verdadeiros adoradores hão de adorar o Pai em espírito e verdade, e são esses adoradores que o Pai deseja. **24.** Deus é espírito, e os seus adoradores devem adorá-lo em espírito e verdade. **25.** Respondeu a mulher: Sei que deve vir o Messias (que se chama Cristo); quando, pois, vier, ele nos fará conhecer todas as coisas. **26.** Disse-lhe Jesus: Sou eu, quem fala contigo. **27.** Nisso seus discípulos chegaram e maravilharam-se de que estivesse falando com uma mulher. Ninguém, todavia, perguntou: Que perguntas? Ou: Que falas com ela? **28.** A mulher deixou o seu cântaro, foi à cidade e disse àqueles homens: **29.** Vinde e vede um homem que me contou tudo o que tenho feito. Não seria ele, porventura, o Cristo? **30.** Eles saíram da cidade e vieram ter com Jesus. **31.** Entretanto, os discípulos lhe pediam: Mestre, come. **32.** Mas ele lhes disse: Tenho um alimento para comer que vós não conheceis. **33.** Os discípulos perguntavam uns aos outros: Alguém lhe teria trazido de comer? **34.** Disse-lhes Jesus: Meu alimento é fazer a vontade daquele que me enviou e cumprir a sua obra. **35.** Não dizeis vós que ainda há quatro meses e vem a colheita? Eis que vos digo: levantai os vossos olhos e vede os campos, porque já estão brancos para a ceifa. **36.** O que ceifa recebe o salário e ajunta fruto para a vida eterna; assim o semeador e o ceifador juntamente se regozijarão. **37.** Porque eis que se pode dizer com toda verdade: Um é o que semeia outro é o que ceifa. **38.** Enviei-vos a ceifar onde não tendes trabalhado; outros trabalharam, e vós entrastes nos seus trabalhos. **39.** Muitos foram os samaritanos daquela cidade que creram nele por causa da palavra da mulher, que lhes declarara: Ele me disse tudo quanto tenho feito. **40.** Assim, quando os samaritanos foram ter com ele, pediram que ficasse com eles. Ele permaneceu ali dois dias. **41.** Ainda muitos outros creram nele por causa das suas palavras. **42.** E diziam à mulher: Já não é por causa da tua declaração que cremos, mas nós mesmos ouvimos e sabemos ser este verdadeiramente o Salvador do mundo.

Reflexão

Em Lc 9, 53 lemos que os samaritanos negam hospitalidade a Jesus, pois ele se dirigia a Jerusalém para a Páscoa. Os mesmos samaritanos fazem parte da comunidade dos que, deste o início dos Atos dos

Apóstolos, é citada como uma comunidade que tem a honra de receber nada menos que Pedro e João, os quais vão visitar a Samaria por terem ouvido que esta tinha “acolhido a Palavra de Deus” (At 8, 14). Aquela comunidade tinha uma matriarca, uma precursora na fé, que havia escutado, acolhido e anunciado a Palavra, anos antes, por causa de um encontro com Jesus em seu ambiente de vida e de trabalho: a Samaritana.

Daquela mulher não nos foi informado o nome. Ela representa a comunidade dos que acolhem o Senhor e se tornam missionários, colocando em destaque o Nome de Jesus, mais que o próprio, e por isto são lembrados para sempre, pelo seu testemunho. Dela, todos sabemos que teve vários homens em sua vida e que desafiou Jesus, em um diálogo ousado e ao mesmo tempo profundo e envolvente. Sobre a Samaritana, o Evangelho nos traz também outras informações que nos fazem pensar. Ela encontra Jesus no local de trabalho, mas na realidade, ela é que foi encontrada por ele, que insistiu para contar com a acolhida dela no serviço da água que ele precisava, em troca da acolhida dele em seu coração, que Jesus podia iluminar e aquecer.

Ela é ousada, desafia o estranho turista de passagem e mostra muita curiosidade, ela não vive por acaso nem passa pelas situações, ela quer tudo e vive intensamente. Sua vida é dura, ela o admite, e se pudesse melhorar, seja mesmo com uma dica de um cara que culturalmente seu povo não apreciava, que importância teria? O que importava é que se abria uma perspectiva melhor, quem sabe! Ela é uma mulher que tem força interior, sabe pensar rápido e busca obter o melhor de cada situação. Pelo que o evento narrado por João nos conta, ela também vem de uma vida de sofrimento e o Senhor conhece quanto ela aspira por uma vida com mais dignidade. Mas tudo acontece em pouco tempo, em um encontro com Jesus Cristo, que ela tanto desejava, mesmo sem saber exatamente no que isto consistiria de fato. Sua vida sofrida, temperada com esperança e fé, pecados e coragem se abre no momento em que o Senhor se apresenta em sua vida e ela não se fecha à graça de Deus, que chega em modo totalmente diferente do que ela podia esperar. Ela se abre e inicia um caminho que nunca mais vai terminar.

Ela sabe fazer seu trabalho e sua vida pessoal não a desacredita em sua atuação profissional, mas se vier algo que faça melhorar a vida integralmente, e se esta boa nova vier de Jesus, que seja bem vinda! Não importam os preconceitos dos grupos e das culturas a que ambos pertencem, seja Jesus, seja a mulher: por decisão dele e por acolhida dela, ela passa a fazer parte dos amigos dele. E ela, é claro, leva seu mundo ao Senhor, aquele mundo que a ama e que a despreza, que a conhece e que a ignora. Ela leva para sua comunidade o que viu, ouviu e viveu no encontro com o Senhor. E isto faz a diferença para todos e todas, que por sua vez fazem o percurso com suas próprias pernas, a partir de suas situações pessoais e socioculturais específicas, pois a adesão ao Senhor é sempre pessoal e única. O Evangelho não deixa de registrar o reconhecimento deles para com ela, que abriu o caminho, pela sua coragem, pela sua palavra e pelo seu testemunho.

Os evangelhos falam de mulheres que estavam com Jesus, permaneciam em sua companhia, o serviam com seus bens e serviços (Lc 8, 1-3; Mc 15, 40-41; Mt 27, 55-56). Da Samaritana não sabemos se acabou seguindo o Mestre pelas estradas da Palestina, mas ela faz parte dos cristão da primeira hora que souberam estar com ele e que também foram enviados a pregar a boa nova, dos quais fala Marcos em Mc 3, 14. E ela é uma missionária que leva Jesus ao povo de um modo que acaba levando o povo a Jesus, e é sua comunidade que o testemunha: já não viemos a Jesus porque nos falaste dele, mas porque o encontramos e escutamos sua Palavra (Jo 4, 42).

A intimidade dela com Jesus e o fato que ele permite a ela de estar em sua presença, de pregar e até mesmo de servi-lo, como faz com as muitas mulheres das quais falam os evangelistas, é um evento sem equivalentes na história da época. Jesus quebra conscientemente o costume de então, ao permitir às mulheres de segui-lo, servi-lo e estar com ele. Ontem e hoje, para além dos parâmetros institucionais, Jesus se reserva a liberdade de entrar na intimidade de mulheres que vivem, por opção ou por motivos alheios à sua vontade, fora ou até longe dos círculos de pessoas religiosamente estimadas e reconhecidas pela sociedade ou pela igreja. Ele as procura, as encontra e fortalece suas mentes e seus corações. E elas o permitem, por causa do amor de Deus manifestado por elas e do amor de que elas mesmas são capazes. Estas mulheres, como a Samaritana, são levadas pela fé à sinceridade consigo mesmas, à coragem de buscar

saídas para suas situações opressoras, se existem, e, especialmente, a gerar vida ao seu redor, vida que cresce e transforma, quem a dá e quem a recebe.

Mesmo sem ser representante da instituição religiosa, a Samaritana conhece bem as falas e as questões que tradicionalmente a religião discute e sobre as quais o povo fica sem respostas, mas também sem significado. Onde devemos adorar a Deus: aqui em nossa terra ou lá no templo de vocês? Uma pergunta difícil e complicada demais, que parece ter pouco a ver com a vida dela. Mas tem a ver com a ideia de Deus que a religião passava ao povo e que acabava determinando a qualidade da fé: um Deus para temer ou um Deus para amar e seguir? Ela não sabia, mas na escuta do Senhor Jesus é ele que mostra a ela uma abordagem totalmente nova à religião e a Deus. No encontro com Jesus é Deus que fala contigo, mulher! Mas para ela, como para os homens e as mulheres de hoje, a fala de Deus só cala na vida quando fala da vida. O Deus de Jesus se interessa do que os crentes fazem ou deixam de fazer, de sua situação familiar e afetiva, das suas relações sociais. E tudo isto para que a relação com Deus seja “em espírito e verdade”, seja sincera e profunda, penetre até o âmago e ilumine, aqueça e traga alegria. A experiência dos cristãos é que ninguém nasce por acaso: um projeto de amor será revelado a quem busca o Senhor de coração sincero, tendo consciência que o busca ou mesmo sem saber.

A Samaritana não estava procurando por Jesus, nem se encontrava no culto ou em alguma atividade comunitária. Ela estava no poço, trabalhando. E nem podemos afirmar que tivesse uma vida exemplar. Mas é a ela que o Senhor pede ajuda. Jesus busca o diálogo com ela, ele sabe como iniciar, é dele a iniciativa e ela entende errado ou faz de conta que não entende bem a fala dele. Algo muito humano. Às vezes não entendemos o que o Senhor quer conosco, outras vezes preferimos ganhar tempo, esperando que a vontade de Deus seja diferente da que se apresenta em nosso caminho. E mais uma vez a Samaritana é a comunidade, nela estamos diante do Senhor que nos interpela. E também como ela somos tentados, muitas vezes, a desconversar e esperar que a amizade com Jesus não peça demais, não entre demais em nossa vida já previamente organizada e com tudo programado. O Senhor quer mexer com ela, mas ela inicialmente só quer consumir o que ele pode oferecer – quem sabe, o que a religião pode oferecer. A promessa de Jesus é alta e linda demais: Senhor, eu também quero desta água! Senhor, eu também quero os benefícios da tua amizade, a paz de viver na tua presença, a força que vem da intimidade contigo, a sabedoria dos que escutam tua Palavra, a serenidade dos que confiam em ti.

Cristãos de ontem e de hoje, ao escutar a voz do Senhor com coração aberto, sabem dizer sim e esperar pela ação de Deus em suas vidas. Mas a fé não pode ficar reservada a uma parte do dia, da semana ou do próprio universo interior. “Traz teu mundo, teu marido, tua profissão, tuas dores e teus projetos”! E verás coisas bem maiores das que os discípulos missionários sabem narrar em sua pregação. Viver apoiados na fé é algo extraordinariamente maior do que qualquer mensagem que se possa receber pelo testemunho de outra pessoa. E o evangelista João sabe muito bem, tanto que registrou para nossa memória: a fé dela contagiou tanto, que toda a comunidade quis seguir seu exemplo e fazer a própria experiência de seguimento do Mestre. Os missionários são dispensáveis, podem ir embora, seguir seu caminho. Semeada a Palavra, é o Pai que a faz crescer, enquanto que proteger a semente lançada, depende de quem a recebeu, não de quem a semeou. A história da Samaritana não termina nela, nem na comunidade que a dispensou. Sua história continua nos homens e nas mulheres que a iniciativa de Deus convoca para a amizade com Jesus, nos lugares e nos modos mais originais e imprevisíveis. Ela deixou sem palavras os discípulos, e maravilhados que Jesus estivesse falando próprio com ela. A criatividade do Espírito continua convocando para a fé e para a vivência no amor de Cristo a mulheres (e homens) que os discípulos não previam e que não conseguem entender suas manifestações, ideias e vivências. Igualmente, eles não conseguem acolher, por vezes, a irrupção misteriosa e imprevisível de Deus, pois o Senhor tem a ousadia de chamar à fé gente que inventa uma fé e uma religião diferente demais para ser aceita por quem se considera herdeiro legítimo e pensa que pode julgar os demais. E por causa de samaritanas e samaritanos de hoje e de amanhã, a Igreja não cessa de experimentar a ternura do Pai que a nutre, a educa e a protege de seus próprios pecados, para que cresça e seja cada vez mais parecida com seu Senhor.

E por que aquela mulher da Samaria deixou seu cântaro quando voltou à cidade para gritar a todos o que acontecera com ela? Por que ela perde o foco de seu trabalho? Teria o encontro com Jesus

desorientado ela totalmente? Teria ela faltado com suas responsabilidades por causa da religião? Ela não é uma exaltada religiosa, nem uma convertida. Ela é simplesmente uma mulher que descobriu o Deus encarnado e entendeu que seu amor vale mais do que tudo. A partir daquele momento, ela nunca mais seria a mesma. Poderia até continuar a buscar água no poço, mas nunca mais o faria do mesmo modo, porque uma mulher que ama e que vive uma fé libertadora, com uma relação de intimidade com o Senhor, reorganiza os significados e as prioridades em sua vida toda, não somente em suas práticas religiosas; interpreta e gerencia em modo novo suas relações, seus sonhos e projetos, até suas feridas.

Dela não sabemos mais nada, ela desaparece do cenário, mas fica na memória da comunidade cristã que, quase um século mais tarde, ainda narra aquele encontro com abundância de particulares e de discursos, pois por causa dela, eles também entenderam melhor o que é seguir Jesus e como ser missionários e missionárias em suas realidades locais.

Para a partilha e a prece

A escuta da Palavra e da reflexão sugerida pelo texto motivam a partilha e a prece.

1. Alguém entre os/as presentes se sentiu representado pela experiência de fé e o testemunho da Samaritana?
2. O que esta Palavra diz a você, hoje?
3. O que esta escuta e partilha sugerem para a sua vida?
4. O que você quer dizer ao Senhor neste momento?

ENCONTRO 5:

LIDIA DE FILIPOS, ANIMADORA DAS MULHERES QUE CAMINHAM COM O SENHOR

At 16, 11-15

Texto Bíblico

At 16, 11. Embarcados em Trôade, fomos diretamente à Samotrácia e no outro dia a Neápolis; **12.** e dali a Filipos, que é a cidade principal daquele distrito da Macedônia, uma colônia (romana). Nesta cidade nos detivemos por alguns dias. **13.** No sábado, saímos fora da porta para junto do rio, onde pensávamos haver lugar de oração. Aí nos assentamos e falávamos às mulheres que se haviam reunido. **14.** Uma mulher, chamada Lídia, da cidade dos tiatirenos, vendedora de púrpura, temente a Deus, nos escutava. O Senhor abriu-lhe o coração, para atender às coisas que Paulo dizia. **15.** Foi batizada juntamente com a sua família e fez-nos este pedido: Se julgais que tenho fé no Senhor, entrai em minha casa e ficai comigo. E obrigou-nos a isso.

Reflexão

O autor dos Atos dos Apóstolos (16, 12-15) deixa a entender que Paulo e seus companheiros, chegando em Filipos não encontraram cristãos que pudessem acolhê-los e acabaram tendo que hospedar-se em uma pensão. Nos dias seguintes, eles procuraram os cristãos e encontram um grupo de mulheres, que seguiam o Caminho de Jesus, que se encontravam junto ao rio. Entre elas, uma líder: Lidia, imigrante de Tiatira, cidade da Ásia Menor. Era estrangeira, mas partilhava da fé dos hebreus desde algum tempo e estava no grupo das mulheres que se encontravam no sábado para a oração. Ela era uma rica comerciante, não estava no rio para lavar roupa, mas para encontrar aquele grupo de pessoas que seguiam o novo caminho, o novo jeito de viver que Jesus Cristo havia ensinado. Ela sabe entender o testemunho dos seguidores de Jesus, se une ao grupo, é fortalecida pela pregação e pede para fazer parte da comunidade. Depois de receber o batismo, ela e sua família, inclusive os servos, Lidia convidou os missionários para hospedarem-se em sua casa, onde podia servi-los, e inteligentemente, onde ela sabia que poderia receber da riqueza de sabedoria e fé dos hóspedes.

A tradução do texto nos diz que ela “obrigou-os” a aceitar, mas em grego é o mesmo verbo utilizado pelos discípulos de Emaús para acolher Jesus, o peregrino que caminhava com eles, no momento em que eles chegaram ao destino e o Senhor teria continuado seu percurso, caso os discípulos não tivessem implorado para que ficasse com eles. É um verbo que indica que a hospitalidade oferecida é sincera e autêntica. Lidia, a líder entre as mulheres, resplandece pela sua qualidade de vida cristã, que se revela e consolida na acolhida. Ela e sua família fazem parte dos primeiros cristãos, dos que aderiram a Jesus mesmo não pertencendo ao seu povo. O texto indica que ela era chefe de família, portanto solteira ou viúva, que havia tido que deixar sua terra para buscar melhores condições de trabalho e, quem sabe, de vida. Ela toma a iniciativa, vai ao encontro da comunidade, é capaz de notar a necessidade dos missionários itinerantes e decide envolver-se mais, entrando para a roda dos que assumem as rédeas de um projeto comum, por causa da fé. Ela era a diferente, com riscos de ser a excluída, mas é quem toma a frente e gera inclusão e solidariedade ao seu redor.

Não sabemos quais foram os motivos que a levaram a deixar sua terra, mas sabemos que por causa da migração ela se encontrou em uma cidade onde os cristãos se reuniam para rezar e onde Paulo exerceu seu ministério. A comunidade dos Filipenses foi uma das comunidades mais queridas ao coração do apóstolo das nações. É a eles, a cristãos como Lidia, que ele escreveu: “Agradeço ao meu Deus todas as vezes que me lembro de vocês. **4.** E sempre, em minhas orações, rezo por todos com alegria, **5.** porque vocês cooperaram no anúncio do Evangelho, desde o primeiro dia até agora. **6.** Tenho certeza de que Deus, que começou em vocês esse bom trabalho, vai continuá-lo até que seja concluído no dia de Jesus Cristo. **7.** É justo que eu pense

assim de todos vocês, porque vocês estão no meu coração”. De cristãos como Lidia, que acolhem o Evangelho com generosidade, envolvendo toda sua realidade pessoal, dons, meios e tempo para o Senhor, as Escrituras afirmam que foi “Deus quem realizou este bom trabalho e o completará”, continuando-o até o fim. O que nos anima, nos desafia e nos consola ao mesmo tempo, pois pertencemos ao grupo daqueles que, mesmo não sendo membros do antigo povo da Aliança, fazemos parte daqueles com os quais Deus realiza um bom trabalho e não os abandona no caminho. A Igreja tem muitas lídias, muitas mulheres que, no seu dia a dia, com seus recursos e necessidades, sustentam a Igreja, apoiam os líderes, fortalecem a comunidade, mesmo sem grandes reconhecimentos. Seus nomes estão escritos no céu e suas vidas se espelham naquela de Lidia, que seu nome na pena de Lucas, o narrador dos Atos dos Apóstolos, não porque ele estivesse presente quando os fatos aconteceram, mas porque a comunidade lembrou para sempre a contribuição importante daquela mulher estrangeira, entre os filipenses. Do seu jeito, ela edificou a Igreja, que por sua vez a confirmou registrando nas Escrituras suas obras, confirmando assim todas as lídias, de todos os tempos, que participam da vida e da missão da Igreja, doando-se e doando seus bens, poucos ou muitos, a partir das possibilidades e da situação concreta em que se encontram.

Estudos de história mostram que Lidia comercializava artigos de luxo, reservados a poucos. Tais informações sugerem que, provavelmente, ela tinha boas condições socioeconômicas, o que lhe permitia acolher em sua casa o apóstolo Paulo e seus companheiros Lucas, Silas e Timóteo, e talvez outros. Os cristãos se reuniam no rio; isto indica que provavelmente não havia uma sinagoga na cidade ou os que seguiam o caminho de Jesus não podiam utilizá-la para suas reuniões. Lidia foi uma mulher de fé em meio a uma sociedade inteira que não conhecia ou não reconhecia Jesus Cristo e o caminho dos que o seguem. Ela foi contra corrente, apostou sua vida e tudo o que lhe pertencia na fé anunciada por Paulo, que ela abraçou sem temor. E tomou a iniciativa, que ao mesmo tempo foi um colocar-se a serviço e uma estratégia inteligente para aproveitar ao máximo daquela fonte de água viva que é a vida dos apóstolos da primeira hora.

A Bíblia não especifica quem eram os membros da família de Lídia. A sua família talvez fosse composta de parentes, mas esse termo podia referir-se também a escravos ou servos. De qualquer forma, Lídia foi pronta a transmitir às pessoas que moravam com ela a sua nova fé e as coisas que havia aprendido. E fez o que estava em seu poder para que toda sua casa conhecesse Jesus Cristo e seus ensinamentos. Fez de sua casa uma referência para a comunidade.

Mais tarde, depois que Paulo e Silas foram soltos da prisão, eles voltaram novamente ao lar de Lídia, conforme nos narra Lucas, em At 16, 36-40. A casa dela (e a vida dela) tornaram-se espaços de vida para toda a comunidade. De sua casa, os apóstolos encorajaram os irmãos e então partiram para nova missão. É bonito imaginar que sua casa tenha continuado a ser um centro de atividades cristãs na cidade e pensar que seu exemplo continua a ser, ainda hoje, uma luz que brilha sobre o castiçal, para que muitas outras famílias sejam, em seus lares, espaços de acolhida, de vida, de evangelização, de fraternidade para toda a comunidade ou para alguns, como Paulo e Silas, na hora em que saem da cadeia ou de alguma outra prova, justa ou injusta.

Paulo e Lucas nos contam que Lidia acreditava em Deus e escutava com atenção. A escuta da Palavra com atenção, com ouvido e coração abertos fazem de mulheres comuns, grandes missionárias e transformam gente comum em humildes e corajosos seguidores de Jesus Cristo, ontem e hoje. Dela sabemos que sabia ouvir a Palavra e a pregação e que sabia enxergar as necessidades dos irmãos, independente de onde viessem, importava tão somente que eram os amigos de Jesus que o Pai enviou à comunidade.

A Evangelização da cidade de Filipos contou com mulheres como Lidia e sua família, assim como hoje e cada vez mais no futuro, a evangelização depende de relações interpessoais, gestos pequenos e ações simples do cotidiano da vida ferial. No rio, de sábado, eles se encontravam para rezar, e é do encontro ao redor da Palavra e talvez também da partilha do pão que os cristãos anunciam sua fé, agregam novos membros à comunidade, e, sobretudo, fazem a diferença na vida dos que participam, para todo o resto da semana e para o que vier depois. O Evangelho foi semeado naquela realidade através da fé de pessoas como Lidia, que fez de sua vida um lugar de graça para si e para muitos. Quem acolhe o Senhor e se coloca em sua escola do amor, transforma sua vida e se torna terreno fértil para que a semente da Palavra cresça para outros e outras, que o Pai do céu conhece. O Senhor escolheu a casa de Lidia e das lídias de hoje para reunir

seu povo, para encontrar seus filhos, para revelar seu amor na hora da tribulação, quando o que os missionários mais precisam é de acolhida e de testemunhas que os confirmem na ternura do Pai.

O testemunho de Paulo sobre Lidia lhe dá um reconhecimento para além do que ela mesma poderia prever. Ela gerou filhos para Deus, é matriarca da Igreja em Filipos, mãe fundadora de uma comunidade e representante de tantas outras que talvez atuaram tanto quanto ela ou mais, mas nela todas são abençoadas. Mulheres corajosas que adotam a comunidade, que as adota como mestras e guias e que nelas acolhe, apoia e abençoa os missionários e pastores, ontem não menos do que hoje.

No texto bíblico, Lucas identificou Lidia como uma mulher temente a Deus, o que significa que ela não era judia nem cristã. Provavelmente, ela não era uma mulher com um profundo relacionamento com Deus, que se havia fortalecido em práticas religiosas da tradição de sua família. Mas isto não importa. O texto bíblico diz que ela era “temente a Deus”. A expressão servia para identificar aquelas pessoas que tinham simpatia pelo Judaísmo, mas que ainda não se haviam convertido àquela religião. Como simpatizante, Lídia deve ter ouvido algo sobre o messias e escutado alguma coisa sobre as promessas do Deus criador de todas as coisas e foi contemplada entre os crentes dos quais Jesus afirma que sabem tirar de seu baú coisas velhas e coisas novas (Mt 13, 51). É a pessoa que aprende a valorizar, com amor e com fé, cada coisa, cada pessoa, cada evento, cada momento e cada lugar como ocasião para ser viver na presença de Deus, como oportunidade para amar e ser feliz.

Quando Paulo falou sobre o evangelho de Jesus, nos narra Lucas, ela prontamente prestou ouvido. Talvez ela já tinha ouvido falar sobre o Deus Javé e sobre os feitos tremendos que o povo de Israel vivera no passado, mas Jesus ela não conhecia ou conhecia somente o pouco que a pequena comunidade cristã lhe havia transmitido, por palavras ou por qualidade de vivência cristã. A palavra grega usada por Lucas para descrever a atitude de Lidia, pode ser traduzida como atender, tem o sentido de ‘ocupar a mente em’, ‘prestar atenção a’, ‘ser cuidadoso sobre’, ‘aplicar-se a’, aderir. Como Maria, ela abre o ouvido e acolhe o Senhor que faz morada em sua casa.

Lídia, como muitos homens e mulheres depois dela e ainda hoje, fez a experiência das mulheres missionárias dos Evangelhos: ela descobriu que há algo maior e melhor do que tudo, que é conhecer o Senhor Jesus e amar como ele amou. Há algo que ninguém pode tirar de uma mulher: é o discipulado do Mestre, a escuta de sua Palavra como a melhor escola de vida, de amor e de dignidade.

Para a partilha e a prece

A escuta da Palavra e da reflexão sugerida pelo texto motivam a partilha e a prece.

1. Alguém entre os/as presentes se sentiu representado pela experiência de fé e o testemunho da Lidia?
2. O que esta Palavra diz a você, hoje?
3. O que esta escuta e partilha sugerem para a sua vida?
4. O que você quer dizer ao Senhor neste momento?

ENCONTRO 6:

PRISCILA, IMIGRANTE, PRECURSORA NA FORMAÇÃO DOS DISCÍPULOS

At 18, 11; 18-27

Texto Bíblico

At 18, 11. Paulo ficou um ano e meio entre eles, ensinando a Palavra de Deus. /.../ **18.** Paulo permaneceu ainda vários dias em Corinto. Depois, despediu-se dos irmãos e embarcou para a Síria, em companhia de Priscila e Áquila. Em Cencreia, Paulo raspou a cabeça, pois tinha feito uma promessa. **19.** Quando chegaram a Éfeso, Paulo os deixou e entrou sozinho na sinagoga, onde começou a discutir com os judeus. **20.** Estes pediam que ele permanecesse mais tempo, mas Paulo recusou. **21.** Todavia, ao despedir-se, falou: "Voltarei de novo para junto de vocês, se Deus quiser." E partiu de Éfeso. **22.** Desembarcando em Cesaréia, foi saudar a igreja, e depois desceu para Antioquia, **23.** onde permaneceu por algum tempo. Em seguida partiu de novo, percorrendo sucessivamente as regiões da Galácia e da Frígia, fortalecendo todos os discípulos. **24.** Chegou a Éfeso um judeu chamado Apolo, natural de Alexandria. Era homem eloquente, instruído nas Escrituras. **25.** Fora instruído no Caminho do Senhor e, com muito entusiasmo, falava e ensinava com exatidão a respeito de Jesus, embora só conhecesse o batismo de João. **26.** Ele começou, então, a falar com muita convicção na sinagoga. Ao escutá-lo, Priscila e Áquila o tomaram consigo e, com mais precisão, lhe expuseram o Caminho de Deus. **27.** Como ele estava querendo passar pela Acaia, os irmãos o apoiaram e escreveram aos discípulos que o acolhessem bem. Graças à iniciativa divina, a presença de Apolo foi muito útil aos fiéis.

Reflexão

Priscila é a companheira missionária que se apresenta nas Escrituras sempre junto de seu marido Áquila, eles são um casal missionário e atuam na comunidade cristã primitiva com autoridade, ao par de apóstolos como Paulo e Apolo. Eles acompanham Paulo em suas viagens missionárias para assistir e confirmar as comunidades cristãs e, ocasionalmente, o substituem.

Numa época em que não se usava, normalmente, referir-se a uma mulher pelo nome, o nome da Priscila aparece em primeiro lugar na Bíblia, em quatro das seis referências a esse casal no Novo Testamento (At 18, 18; At 18, 26; Rm 16, 3-4 e II Tm 4, 19). As duas vezes em que aparece primeiro no nome do marido é em At 18, 2-4 em que o casal é apresentado e em 1Cor 16, 19-20 quando o texto se refere ao lugar da igreja doméstica que é a casa do Áquila e da Priscila. O texto bíblico, citando o nome de Priscila antes daquele do marido indica um protagonismo dela, importante para a comunidade dos cristãos, seja na acolhida da comunidade que se reúne em sua casa, seja pela sua contribuição específica de assistir e até corrigir os missionários, lá onde sua maturidade na fé e sua formação são colocadas a serviço da evangelização. O nome dela citado antes do nome do marido indica que ela era a tomar a iniciativa, Priscila era a líder nas ações do casal.

Priscila e seu marido eram judeus cristãos em Roma, provavelmente lideravam a comunidade cristã local, mas por causa da perseguição do Imperador Claudio contra os judeus, em torno do ano 50 d.C., fogem para Corinto, onde se instalam por um tempo até prosseguirem para Éfeso, assumindo responsabilidades pastorais confiadas ao casal diretamente por Paulo. Em todas as cidades, a casa deles era um espaço eclesial, um ambiente onde a comunidade cristã se reunia. Eles são a família que acolheu Paulo, em Corinto, para que pudesse ganhar o pão com seu próprio trabalho, no exercício da profissão que exerciam em comum: fazedores de tendas (At 18, 3). Deles se fala hoje de um 'ministério da acolhida', pois transformaram sua casa em espaço para a vida da Igreja, uma missão que assumiram por causa de Jesus, por amor à Igreja, pela fé que abraçaram. Paulo os considerava seus "colaboradores em Cristo Jesus" (Rm 16, 3), os quais arriscaram a vida para protegê-lo. No texto bíblico Paulo usa o termo 'colaboradores', referindo-se a eles, no âmbito da

missão. O termo em grego é *syn-ergòì* (do qual deriva o termo “sinergia”), e significa “trabalhar junto”. Para Paulo, portanto, catequistas, missionários, agentes de pastorais e lideranças não são simplesmente colaboradores entre si, mas todos cooperam com Deus, “em Cristo Jesus”: além da estima e do carinho recíproco, existe a coparticipação à mesma experiência de fé, que se mostra em toda sua beleza na história da Priscila.

O texto bíblico nos fala que Paulo ficou por 18 meses em Corinto, parte do tempo trabalhando com tendas, morando com Priscila e Áquila e parte dedicando-se exclusivamente ao serviço do Evangelho, certamente apoiando-se na casa dos amigos. A amizade do casal com o missionário Paulo é uma das marcas de seu testemunho. Sem contraposição, eles cultivam a amizade enquanto se dedicam ao Reino e tudo se torna motivo de doação pela missão. Ele os leva consigo para Éfeso, mas depois tem que prosseguir viagem para Jerusalém e eles continuam a missão naquela cidade, confirmando e assistindo a comunidade cristã local. Em Éfeso eles escutam a pregação de Apolo e notam que ele ainda não conhecia o batismo cristão, referindo-se unicamente ao batismo praticado por João. O respeitam, o acompanham e, depois, o convidam para um encontro reservado, onde a correção fraterna se confunde com a partilha de formação e o testemunho da fé da Igreja. Assim, eles continuam a obra de Paulo, fortalecem a obra de Apolo, servem ao Senhor edificando sua Igreja. Sua casa foi o primeiro centro de estudos bíblicos, onde Apolo foi formado ao Evangelho de Jesus, onde as lideranças locais encontravam apoio e orientação e onde a liderança da Priscila não incomodava, pelo contrário, completava a originalidade e a grandeza do casal missionário.

Lucas afirma que, depois de receber a correção de Priscila e Áquila, Apolo queria prosseguir seu caminho missionário em outras cidades. Por “iniciativa de Deus”, diz o texto, ele recebeu carta do casal missionário que o havia catequizado, com recomendações para que os cristãos o recebessem bem, o que acontece de fato na Acaia, como é registrado nos Atos dos Apóstolos (At 18, 27). A função de Priscila e Áquila na correção e ensinamento junto a Apolo indica algo totalmente raro para aquele tempo: uma mulher culta, capaz de catequizar um líder, proveniente da cidade de Alexandria, que era um centro de estudos bíblicos. Tudo faz crer que ela tinha formação bíblica. O fato chama a atenção não somente porque normalmente as mulheres daquele tempo não tinham acesso ao estudo e menos ainda aos estudos bíblicos. Este fato, registrado nas Escrituras, se apresenta hoje como uma chamada incessante para a formação bíblica e teológica que chega às mulheres missionárias e catequistas, apesar das dificuldades reais e dos preconceitos que podem existir.

Depois de cerca de 2 anos se dedicando à evangelização, com a morte do Imperador, Priscila e seu marido voltam para Roma, onde continuam sua missão de anunciadores da boa nova de Jesus Cristo, protegendo e apoiando a comunidade. No ano 58 d.C, quando Paulo escreve sua Carta aos cristãos de Roma, ele saúda o casal, manifestando a eles sua gratidão e a gratidão de todas as Igrejas espalhadas pelo mundo conhecido (Rm 16, 3-5), saudando ao mesmo tempo “a igreja que se reúne na casa deles”. Mais tarde, quando foi escrita a segunda carta a Timóteo (2Tm 4, 19), o autor envia saudações a Priscila e Áquila, em Éfeso, para onde fugiram provavelmente alguns anos mais tarde, por causa de outra perseguição. Eles foram um casal que dedicou a vida ao serviço do Reino, mesmo mantendo suas atividades profissionais, pelo que sabemos.

No âmbito missionário do Novo Testamento, diante da grandeza de testemunhas como Paulo, Priscila revela o lado humano da pregação e do serviço no tecido cristão do dia a dia, das lutas e labutas de quem tem que pensar ao emprego, à moradia, aos conflitos relacionais, aos problemas políticos e ao apoio aos demais missionários que atuam pela mesma causa. Ela nos ajuda a manter, com amor e dedicação, a atenção às coisas e aos desafios pequenos e grandes da vida no mundo, sem esquecer em nenhum momento que o chamado à missão a empenha com as coisas do Reino, próprio naqueles contextos onde ter fé é amar e servir. Sua contribuição na Igreja primitiva foi um apoio fundamental humanamente, economicamente e pastoralmente, nas diversas comunidades por onde passou.

As Escrituras registraram esta especificidade do jeito de Priscila e Áquila ser cristãos: construir Igreja a partir do próprio lar. Eles revelam uma vida comunitária centrada na casa, naquela forma simples e ferial que mais tarde chamaríamos de “igreja doméstica” ou, como se diz na África, ‘Igreja família’. A Igreja que nasce na casa torna a casa lugar de evangelização, de formação e até espaço para nascer à fé, não

simplesmente aprender práticas religiosas transmitidas tradicionalmente, que deixam para o futuro ou para a instituição eclesial, a tarefa de gerar para a fé.

No ambiente em que Priscila viveu, a igreja doméstica era uma necessidade, mas era também um estilo das comunidades cristãs primitivas. As primeiras experiências missionárias do Novo Testamento sempre citam a casa. A casa-família era o ponto de referência para o anúncio do Evangelho, seja porque a estrutura da sociedade era baseada na família, seja pelo fato que as estruturas da instituição eclesial ainda não existiam. Mas há um motivo muito particular para fomentar a igreja doméstica: dentro de sua casa, uma família pode convidar quem quiser e até expressar sua fé com maior liberdade e criatividade.

A família, de certa forma, protege os crentes da pressão social, até mesmo quando tal pressão vem da igreja. No ambiente familiar, também a formação cristã penetra a variedade e a profundidade da vida em sua integralidade. Neste sentido, podemos entender a experiência do Evangelho, que é uma experiência do amor de Deus em Jesus Cristo, e tem mais chances de ser entendida e transmitida próprio no ambiente familiar. Dentro de casa, no ambiente familiar, é mais difícil passar a ideia de uma religião que se identifica com normas e ritos; pois é mais provável, em tal contexto, que os (futuros) crentes percebam e aceitem uma fé que é uma experiência de relações, que permeia sim a relação com Deus, mas que determina, sobretudo, as relações interpessoais e até mesmo as relações com os bens e o próprio projeto de vida. Enfim, a vida cristã transmitida em família abre a mente e o coração, a memória e a inteligência das pessoas à centralidade de ceia na fé cristã, onde também os pobres podem chegar e onde o sentido de comunidade e a fraternidade crescem e mostram seu significado ao redor da mesa da Eucaristia. Priscila chama os homens e as mulheres de hoje a uma fé capaz de colocar ao centro as relações, antes e acima de todas as práticas devocionais e regras (e interesses) institucionais, por mais teologicamente e pastoralmente corretos e importantes que possam parecer.

Atualmente esse casal é também inspiração para muitas reflexões nas comunidades cristãs de diferentes confissões. Um blog com artigos sobre Priscila e Áquila afirma que o marido de Priscila, demonstrou ser um homem de Deus ao enxergá-la como pastora, por dirigir as Igrejas Cristãs de Corinto (At. 18. 11), Éfeso (At. 18. 18,19) e Roma (Rm. 16. 3,4); como evangelista, por expor o caminho de Deus a Apolo que era eloquente e poderoso nas Escrituras mas, conhecia apenas o batismo de João (At. 18. 24-26); como presbítera, por atuar como superintendente das Igrejas Cristãs de Corinto, Éfeso e Roma (I Co. 16. 19) e como diaconisa, por ter arriscado a própria vida para salvar a de Paulo (At. 19. 23-41).

O modo como Paulo escreve em 1Cor 16,18 aponta para uma capacidade que por vezes falta nas comunidades locais de hoje. Ele diz aos cristãos da cidade de Corinto que eles devem saber “apreciar pessoas de tal valor” e no versículo seguinte une Priscila e Áquila à sua carta: “**19.** As igrejas da Ásia mandam saudações. Áquila e Priscila, com a igreja que se reúne na casa deles, mandam efusivas saudações no Senhor”, mostrando claramente sua insistência para que a comunidade aprenda sempre mais a estimar, reconhecer e valorizar as pessoas, aquelas pessoas concretas que a compõem, com o mesmo amor com que Jesus as ama. Não é uma estrutura ou rituais nem encargos especiais que fazem deste casal um exemplo no ministério, mas a comunhão na fé com a comunidade, com o apóstolo e com as demais igrejas, assim como o demonstram as conclusões das Cartas Paulinas.

Atuando em seu contexto profissional e acolhendo a igreja em sua casa, apoiando os missionários, reforçando a formação dos catequistas, assistindo as comunidades nascentes... Priscila está sempre ao lado de seu marido e tomando a frente, como a mulher forte, protagonista por causa da fé, sem perder o foco: Jesus Cristo. No bairro onde mora, na cidade vizinha, no trabalho, onde os fatos da vida e da comunidade a levam ou a chamam para a ação. Não em vão, um antigo registro dos mártires de Roma os coloca como santos mártires, cuja festa litúrgica é celebrada no dia 08 de julho.

Para a partilha e a prece

A escuta da Palavra e da reflexão sugerida pelo texto motivam a partilha e a prece.

1. Alguém entre os/as presentes se sentiu representado pela experiência de fé e o testemunho da Priscila?
2. O que esta Palavra diz a você, hoje?
3. O que esta escuta e partilha sugerem para a sua vida?
4. O que você quer dizer ao Senhor neste momento?